
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Sissy Bianca Maia Oishi

**O número de técnicos e técnicas
que comandam equipes masculinas
e femininas**

SISSY BIANCA MAIA OISHI

**O NÚMERO DE TÉCNICOS E TÉCNICAS QUE COMANDAM
EQUIPES MASCULINAS E FEMININAS**

Orientadora: Prof^a. Dra. Suraya Cristina Darido

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências
da Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” - Campus de Rio
Claro, para obtenção do grau de
Bacharelado em Educação Física.

Rio Claro
2010

796.06 Oishi, Sissy Bianca Maia
O39n O número de técnicos e técnicas que comandam equipes masculinas e femininas / Oishi, Sissy Bianca Maia. - Rio Claro : [s.n.], 2010
41 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Bacharelado em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Suraya Cristina Darido

1. Esportes – Organização e administração. 2. Gênero. 3. Esporte. 4. Liderança. I. Título.

Aos meus pais, que sempre estiveram comigo em todos os momentos e são partes importantes dessa etapa que se conclui.

“Quem não sabe aceitar as pequenas falhas das mulheres, não aproveitará suas grandes virtudes.” (Khalil Gibran)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer partes importantes para que esse sonho de me graduar se tornasse possível: minha família. Pai, você é um grande exemplo para mim; a minha luta para nunca te decepcionar só me fez e faz crescer cada dia mais! Sem a sua ajuda, jamais conseguiria ser metade do que sou hoje. Muito obrigada por ser esse homem em minha vida. Mãe, apesar de toda a turbulência que é a nossa vida, entre brigas e abraços, saiba que sempre aprendo muita coisa com você. Não conseguiria me virar tão bem se não fossem seus ensinamentos. E se não fossem os seus cuidados nessa última semana de entrega desse trabalho, talvez não fosse possível eu conseguir entregá-lo a tempo. Muito obrigada. Diego, meu irmão, sua companhia sempre me alegra, apesar de nos desentendermos às vezes... Mas irmãos são assim, né? Obrigada pelo apoio de sempre. Gostaria também de agradecer meus avôs paternos, sempre preocupados com esse processo de graduação que se finaliza, e orgulhosos com a sua primeira neta que se forma. Sempre penso em vocês.

Quero agradecer também uma família que me acolheu de tal maneira que eu não poderia deixar essa oportunidade de mostrar minha gratidão passar em branco... Marta, Robertão, Ique, Bruna e todos os outros, muito obrigada por todo o apoio e carinho! Nunca me senti tão bem num ambiente que não fosse a minha casa como eu me sinto quando estou perto de vocês! Muito obrigada mesmo!

Gostaria de agradecer os amigos que fiz pelo caminho, que não tenho mais contato... Tenho grandes dificuldades de mantê-los próximos, seja por vergonha de ficar ligando, ou pelo rumo que a vida toma naturalmente. Pessoal do João Lourenço (onde começou minha paixão pelos esportes), da ETECAP (onde todos me apoiavam a ingressar nesse curso), da igreja (que me acolheram em momentos difíceis e proporcionaram bons momentos), muito obrigada a todos. Citarei alguns nomes que me lembro todos os dias e sinto saudades: Simone, Michelle, Ghe e Carol, sempre me lembrarei de vocês e desculpem a minha ausência. Gostaria de agradecer em especial uma professora de educação física que tive no ginásio que serviu de exemplo e me motivou a querer cursar educação física: professora Jaqueline, muito obrigada.

Agora, agradecimentos ao pessoal da UNESP. Começo agradecendo minhas grandes companheiras de trabalho, casa, risos e conversas: Nati, Bruna e Thalita. Nati, que privilégio poder ter morado com você. Nunca me negou ajuda e compreensão. Sou grata por ter conhecido você, te adoro! Bruna, se não fosse você se aproximar de mim naquela primeira semana de aula, provavelmente estaria perdida até hoje! Muito obrigada pelas risadas, conselhos e ajudas. Thalita, companheira de todos os trabalhos da faculdade, obrigada pela sua preocupação e seu carinho.

Agradeço a um grande amigo, que com certeza gostaria de mantê-lo por perto por toda a vida: Luiz Gustavo. Sei que tiro muito sarro de você, mas saiba que suas qualidades são gigantescas perto das coisas que costumo apontar para encher o teu saco. Admiro-te bastante, com certeza será um homem de sucesso (e espero que sejamos sócios!). Muito obrigada por tudo Luizão, e desculpa qualquer coisa.

Agradeço ao meu técnico e grande amigo, Anderson. Você despertou em mim uma paixão por um esporte que eu jamais me imaginei praticando, o vôlei. Obrigada por todos os ensinamentos, me espelho muito em você. Obrigada também por todo apoio no trabalho.

Agradeço ao(s) Matheu(s), Flor, Felps, Sabirila, Henricão e Guaxupé pelas boas conversas, sobre coisas sérias ou não. Agradeço ao BEF todo, cada um me proporcionou um momento especial que levarei pra sempre comigo. Agradeço também ao LEF, em especial a Angélica e Aline, pelos bons momentos.

Gostaria também de agradecer ao Enthoni e ao Guti pela oportunidade do estágio, por sempre estarem dispostos a ajudar e pelas boas risadas.

Time de vôlei... Amo muito todos! Nunca imaginei que passaria por uma experiência como essa que estou passando ao lado de vocês... Sou uma pessoa muito mais feliz! Gostaria de citar alguns nomes, pessoas por quem tenho um carinho especial: Elisa (maluca!), Iane (grande conselheira), Gi (líder nata), Cris (quero ser igual a você quando eu crescer!), Ju Brasil (ahhh, te adoro Ju!), Taynara (te conheço há pouco tempo, mas te admiro e aprendo muito com você!), Mari (vamo time!), Léozinho (técnico... Obrigada por todo apoio, broncas, ensinamentos e risadas!)... Amo muito vocês, obrigada por tudo!

Gostaria de agradecer a minha orientadora, Suraya Cristina Darido, por todo apoio e oportunidades dadas a mim. Aproveito para agradecer também a todos os meus professores, levarei sempre comigo algo especial que aprendi com cada um.

Por fim, gostaria de agradecer o presente mais especial que a UNESP me proporcionou. Leo, se a sua amizade já era algo extremamente valioso e importante para mim, imagine o seu amor... Obrigada por todos os bons momentos, por me fazer crescer e amadurecer cada dia mais, por me entender e ter essa paciência que só você consegue ter comigo, por todo o apoio em qualquer circunstância, enfim... Você foi essencial nessa etapa que está acabando! E a próxima etapa que está por vir, a nossa vida juntos que se iniciará em breve, espero que seja tão maravilhosa quanto a que vivo hoje ao teu lado. Fico muito contente sempre que penso que esse presente que encontrei na UNESP não ficará aqui. Poderei levá-lo comigo por toda a vida. Te amo muito!

RESUMO

É conhecido que os esportes, em sua grande maioria, foram criados por homens e para os homens, e sua prática era quase exclusiva para o sexo masculino, sobretudo até a Primeira Guerra Mundial. Resquícios dessa forte influência masculina nos esportes ainda permanecem até os dias de hoje, principalmente nos cargos de liderança. É possível observar que grande parte das modalidades esportivas, tanto femininas como masculinas, são predominantemente dirigidas por homens. Dessa maneira, essa pesquisa teve como objetivo analisar, por meio de pesquisa quanti-qualitativa, o número de mulheres e homens que comandam equipes de elite masculinas e femininas de voleibol, basquetebol e futebol, participantes dos principais campeonatos nacionais, e o número de homens e mulheres concluintes dos cursos de educação física no Brasil, a fim de verificar se há uma possível relação entre o baixo número de mulheres trabalhando como técnicas e a porcentagem de mulheres concluintes de graduação em educação física. Para a aquisição dos dados, foram feitas buscas nos sites das confederações, ligas e campeonatos dos esportes selecionados para o estudo, e no site do Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Foi identificado que o número total de concluintes de 1995 a 2008 foi de 192707, sendo 99869 homens e 92838 mulheres, mostrando um equilíbrio entre esses números, o que não aconteceu com os números de técnicos e técnicas. Os dados indicaram que nenhuma mulher trabalhou como técnica de voleibol em equipes masculinas e femininas nas temporadas de 2006 a 2010; nenhuma mulher trabalhou como técnica de equipes masculinas de basquetebol nas temporadas de 2000 a 2010, e somente uma média de 1,67 mulheres liderou equipes femininas de basquete nas temporadas de 1998 a 2010; nenhuma mulher jamais trabalhou como técnica de equipes masculinas de futebol, e somente uma média de 2,67 mulheres atuaram como técnicas de equipes femininas de futebol. A diferença entre o número de homens e mulheres formados em educação física é pequena e não justifica o baixo número de mulheres técnicas. Os principais motivos encontrados para esse fenômeno são a tardia inserção da mulher no meio esportivo, o preconceito e a responsabilidade do cuidado da família e do lar. Conclui-se que é necessário maior incentivo ao esporte feminino por parte das confederações e da mídia, além de mais estudos sobre esse assunto.

ABSTRACT

It is known that gymnastics and sports, for the most part, were made by men for men, and its practice was almost exclusively for males, especially until the First World War. Vestiges of this strong male influence in sports still remain to this day, especially in leadership positions. It is clear that most sports, both male and female, are mostly coached by men. Thus, this study aimed to examine, through quanti-qualitative research, the number of women and men who lead male and female volleyball, basketball and soccer elite teams, participating in the most important national championships, and the number of men and women graduated in physical education courses in Brazil in order to check a possible relationship between the low number of women working as a coach and the percentage of women graduated in physical education. For the acquisition of data, Internet searches were made on the sites of confederations, leagues and sports leagues selected for the study, and on the site of the National Institute of Educational Studies Anísio Teixeira (INEP). It was identified that the total number of graduates from 1995 to 2008 was 192,707, with 99,869 men and 92,838 women, showing a balance between these numbers, which did not happen with the numbers of male and female coaches. The data indicated that no women worked as a coach in male and female volleyball teams in the seasons 2006 to 2010, no woman worked as a coach in the male basketball teams in the seasons from 2000 to 2010, and only an average of 1.67 women led female basketball teams in the seasons 1998 to 2010, and no woman has ever worked as a coach for male soccer teams, while only an average of 2.67 women acted as a coach of female soccer teams. The difference between the number of men and women graduated in physical education is small and does not justify the low number of women coaches. The main reasons for this phenomenon are the late inclusion of women in sports, prejudice and the responsibility of family care and home care. It is reasonable to say that further encouragement about women sports is needed by the confederations and the media, and more studies on this subject.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVO	13
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 Participação das mulheres no esporte brasileiro	14
3.2 Participação de mulheres como técnicas desportivas	16
3.3 Histórico sobre as modalidades e campeonatos do estudo.....	17
3.3.1 História do voleibol	17
3.3.2 História da Superliga Brasileira de Voleibol	18
3.3.3 História do basquetebol	18
3.3.4 História do Campeonato Brasileiro de Basquetebol	19
3.3.5 História do futebol	20
3.3.6 História do Campeonato Brasileiro de Futebol e da Copa do Brasil de Futebol Feminino	21
4. MATERIAIS E MÉTODOS	23
4.1 Tipo da pesquisa	23
4.2 Sujeitos	23
4.3 Análise dos dados	24
5. RESULTADOS	25
6. DISCUSSÃO	32
6.1 A inserção tardia das mulheres nos esportes	32
6.2 O preconceito	33

6.3 Responsabilidades com o lar e filhos	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX, sobretudo a partir do período pós-guerra, marcou a história das conquistas femininas, principalmente devido à crescente ocupação do mercado de trabalho pelas mulheres. Porém, ainda há uma diferença muito grande entre o número de mulheres e homens empregados, principalmente nos cargos de liderança. Mulheres constituem cerca de metade da população, mas somente 5% são líderes mundiais.

Um estudo realizado por Nogueira (2006), da Universidade do Minho, mostra que em Portugal, país que apresenta uma das taxas de mulheres empregadas mais elevadas da Europa (cerca de 65%), apenas 11% dos cargos relacionados às secretarias e ministérios do governo são ocupados por mulheres; na Assembleia da República, há somente 45 mulheres entre as 213 vagas para deputados; nas universidades, somente entre 8% e 17% das representações são femininas; e nas diretorias de empresas, a representabilidade feminina é de apenas 7%. No Brasil, a meta de garantir a presença de 30% de mulheres nos cargos legislativos ainda não foi atingida.

No âmbito esportivo essa realidade não é diferente. A inserção de mulheres no esporte aconteceu tardiamente, como expectadoras ou praticantes. Além disso, sempre foi necessário muita luta para conquistar seu espaço nesse meio. De acordo com Oliveira (2008), na Grécia Antiga (776 a.C. a 393 d.C.) as mulheres eram proibidas de assistir e participar das Panatéias (competições que, mais tarde, deram origem aos jogos olímpicos), devido aos fatores fisiológicos, já que o acesso ao local dos jogos era muito íngreme e porque eram proibidas de guerrear, podendo somente cuidar dos afazeres domésticos.

As mulheres casadas poderiam ainda ser punidas com a morte, caso assistissem aos jogos. Com o passar do tempo, sobretudo na Idade Média, a inserção das mulheres parece esboçar uma evolução, pois há registros de participações femininas nos esportes e nas apresentações de danças durante os jogos. Porém, no século XVII essa realidade é modificada; a mulher passa a ser submissa e subjugada pelo homem mais próximo a si, seja ele marido, irmão ou pai. Com isso, sua participação nos esportes é novamente extinta. Até a Primeira Guerra Mundial, segundo Pfister (2003), para as mulheres que tivessem permissão para se

manterem ativas, somente a prática da calistenia, uma espécie de ginástica (MORAES, 1999), era autorizada, objetivando benefícios para a saúde.

Aliás, os cuidados com a saúde, delicadeza e beleza eram os principais argumentos para barrar a prática esportiva para mulheres. O próprio fundador dos Jogos Olímpicos da era moderna, Barão de Coubertin, era defensor desses argumentos e da idéia de que os Jogos Olímpicos deveriam servir para exaltar a masculinidade com as ações atléticas (DEVIDE, 2005).

Dessa maneira, as mulheres foram proibidas de participar dos primeiros Jogos Olímpicos da Modernidade (Atenas – 1896). Observando o atual quadro de participações de mulheres no mundo esportivo, pode-se relatar que ainda não foi totalmente superado o histórico de desigualdades entre homens e mulheres na prática e na liderança esportiva.

2. OBJETIVO

O objetivo desse estudo foi quantificar o número de homens e mulheres trabalhando como técnicos desportivos em equipes masculinas e femininas de elite do voleibol, basquetebol e futebol brasileiros, participantes dos principais campeonatos nacionais. Além disso, foi quantificado o número de concluintes, por sexo, dos cursos de educação física nacionais. Dessa maneira, testa-se a hipótese de que há menos mulheres que homens trabalhando como técnicas, mas há um número equilibrado de homens e mulheres concluintes na área de educação física.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Participação das mulheres no esporte brasileiro

A participação das mulheres nas práticas de atividades físicas e esportivas no Brasil se deu na década de 1920, dentro dos clubes. Esse movimento de inserção da mulher no esporte brasileiro começou através das imigrantes europeias, que trouxeram consigo a apreciação ao valor do exercício. Já na época da ditadura militar, as mulheres foram proibidas de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, rúgbi e baseball pelo CND (Conselho Nacional de Desporto), através da resolução número 7/65, obedecendo a instruções do General Newton Cavalcanti. Essa resolução foi feita baseada na idéia de que esses esportes apresentavam violência e não eram adaptáveis ao sexo feminino. Goellner (2006), no periódico científico “Pensar a Prática” da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, descreve em seu estudo outros motivos alegados para a interdição dos esportes para as mulheres:

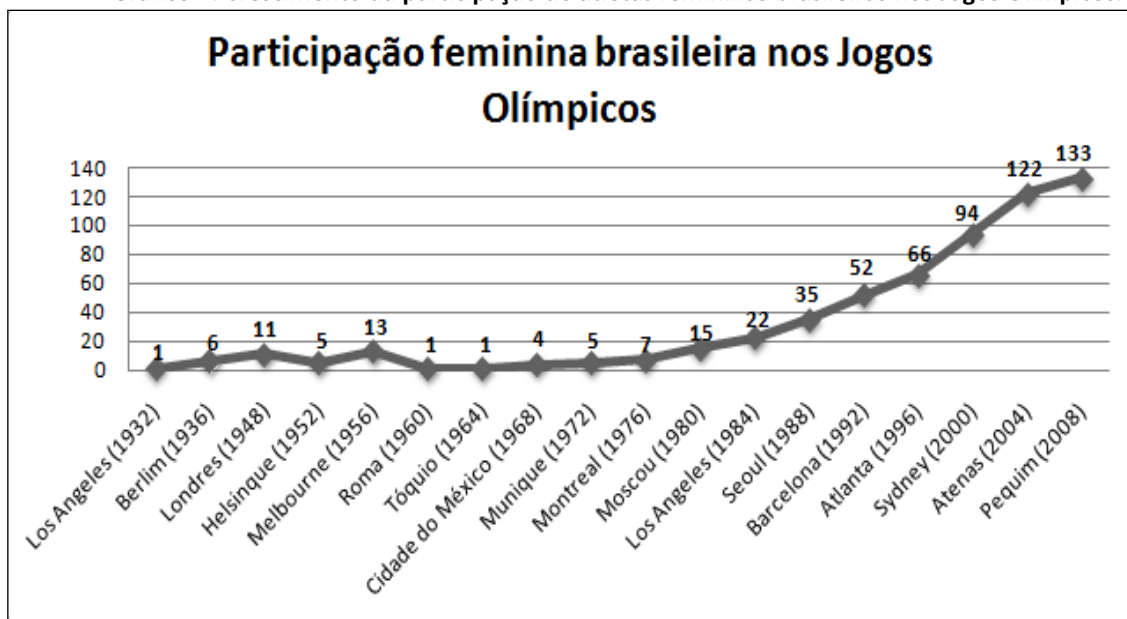
O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas.

Ainda segundo essa resolução, outras modalidades esportivas, como o remo, deveriam ser praticadas pelas mulheres de forma moderada, sem fins competitivos e com níveis de esforços físicos menores que os dos homens. Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nos

esportes. Aos poucos, as mulheres começaram a participar mais massivamente do meio esportivo, começando pelos festivais e campeonatos exclusivamente femininos, como por exemplo, os Jogos Femininos do Estado de São Paulo, em 1935, até as participações em Jogos Olímpicos (OLIVEIRA et al., 2008).

Atualmente, já é possível afirmar que nunca houve tantas atletas participando das Olimpíadas, apesar do número da participação feminina ainda ser menor que o da participação masculina (MOURÃO; GOMES, 2004). Se em 1932, a delegação brasileira continha somente uma única mulher entre todos os seus atletas, que era a nadadora Maria Lenk, em Pequim foi possível presenciar o aumento desse número para 133 mulheres entre 277 atletas (ver gráfico 1).

Gráfico 1: Crescimento da participação de atletas femininas brasileiras nos Jogos Olímpicos.



Porém, se entre atletas o número de mulheres mostra-se expressivo, nos cargos de liderança a participação feminina ainda é bastante inferior. De acordo com o artigo de Derós e Goellner (2009), que consiste numa resenha do livro “Participação das Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro: desafios e perspectivas” de Euza Maria Paiva Gomes, nas diretorias de comitês e confederações, mesmo com a recomendação feita pelo Comitê Olímpico Internacional de que a representação feminina nos órgãos executivos de todas as instituições esportivas que seguisse suas normas deveria ser de 20% até 2005,

vemos que no Brasil essa taxa não foi atingida por todas as instituições. Nesse livro, é apresentado o seguinte quadro, datado de 2006, que retrata a representação feminina nos cargos de direção das principais instituições esportivas brasileiras:

Tabela 1: taxas da porcentagem de mulheres trabalhando em cargos diretivos de instituições esportivas brasileiras.

Comitê Olímpico Brasileiro	4%
Confederações vinculadas/filiadas	1,8%
Federações esportivas nacionais	6,5%
Comitê Paraolímpico Brasileiro	30%

3.2 Participação de mulheres como técnicas desportivas

Seguindo essa tendência, é bastante notório que no mundo inteiro o número de mulheres no comando de equipes esportivas é pequeno, independente da modalidade. Nos Estados Unidos, alguns estudos já foram realizados para pesquisar quais as causas desse fenômeno, já que mesmo em modalidades praticadas por mulheres, o número de homens atuando como técnicos é superior ao número de mulheres atuando como técnicas. Um estudo importante para essa área, publicado em 2000, realizado por Acosta & Carpenter, mostrou que ao longo de vinte e três anos houve um declínio no número de mulheres técnicas de equipes esportivas femininas universitárias, apesar do aumento do número de mulheres participando como atletas. Apenas 45,6% dos técnicos eram mulheres em 2000. O número de mulheres no comando de equipes esportivas masculinas é menor ainda: apenas 2%. E, ao juntar os percentuais de técnicas femininas, não só no comando de equipes universitárias, mas também no comando de equipes escolares, obtém-se um percentual de apenas 20%. De acordo com a reportagem de Difilippo (2008), muitas são as razões para esse baixo número de mulheres técnicas, comparando-se aos homens. Alguns motivos encontrados foram as responsabilidades da mulher com seu lar e o preconceito.

No estudo de Romariz (2008) sobre gênero e voleibol, os discursos de suas entrevistadas apresentavam queixas contra o preconceito sofrido de alguma maneira por elas, ao trabalharem como técnicas.

A última participação nos Jogos Olímpicos mostrou que dados como o deste estudo não devem ser muito diferentes no Brasil. A delegação brasileira das Olimpíadas de Pequim contou com a participação de apenas onze mulheres nas comissões técnicas, sendo que somente cinco estavam no comando de equipes, entre as 35 modalidades. Entre essas mulheres, apenas uma mulher trabalhou como técnica de uma equipe masculina: Roseane Carneiro, que treinou Kaio Márcio, atleta da natação (GAZETA DO POVO, 2008).

3.3 Histórico sobre as modalidades e campeonatos do estudo

3.3.1 História do voleibol

O vôlei foi criado em 9 de fevereiro de 1895 pelo americano William G. Morgan, então diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM) na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Por sugestão do pastor Lawrence Rinder Morgan, Morgan idealizou um esporte que fosse menos cansativo que o basquete, para que pudesse ser praticado por pessoas mais velhas, e que trouxesse menor risco de lesões, devido ao menor contato físico entre os adversários. Ele colocou uma rede semelhante à de tênis, a uma altura de 1,98 metros, sobre a qual uma câmara de bola de basquete era batida, surgindo assim o jogo de vôlei.

O voleibol foi rapidamente ganhando novos adeptos, crescendo vertiginosamente no cenário mundial ao decorrer dos anos. Na América do Sul, o primeiro país a conhecer o voleibol foi o Peru, em 1910, através de uma missão governamental que tinha a finalidade de organizar a educação primária do país. Em 1947 foi fundada a FIVB. Dois anos mais tarde, foi realizado o primeiro Campeonato Mundial de Voleibol da modalidade, apenas para homens. Em 1952, o evento foi

estendido também ao público feminino. No ano de 1964 o voleibol passou a fazer parte do programa dos Jogos Olímpicos, tendo-se mantido até a atualidade.

O voleibol foi introduzido no Brasil por volta dos anos de 1916/1917, também pela ACM de São Paulo. O primeiro grande passo para difusão do voleibol no Brasil foi dado pelo Fluminense em 1923, quando realizou um torneio aberto dos clubes filiados à Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2010; DACOSTA, 2006).

3.3.2 História da Superliga de Brasileira de Voleibol

A Superliga Brasileira de Voleibol é a principal competição entre clubes de voleibol no país, a melhor liga das Américas e uma das melhores do mundo, ao seu alto nível técnico. Até a década de 1960, as competições de voleibol no Brasil só ocorriam em nível estadual. Em 1981 surge de fato a Liga Nacional, com equipes profissionais. A Superliga foi disputada pela primeira vez na temporada 1994/1995, com o fim da Liga Nacional. Em sua primeira edição, 22 times disputaram o troféu: 12 no masculino e 10 no feminino.

Aos poucos, a Superliga ganha mais espaço na mídia, com alguns de seus jogos sendo televisionados, nessa última edição, até mesmo na televisão aberta (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2010; DACOSTA, 2006).

3.3.3 História do Basquetebol

Em Dezembro de 1891, o professor de educação física canadense James Naismith, do Springfield College (então denominada Associação Cristã de Moços), em Massachusetts, Estados Unidos, criou um esporte que os alunos pudessem praticar em um local fechado, pois o inverno costumava ser muito rigoroso, o que impedia a prática do Beisebol e do Futebol Americano. Dessa maneira, escreveu treze regras básicas do jogo e pendurou um cesto de pêssigos a uma altura que julgou adequada: 10 pés, equivalente a 3,05 metros, altura que se mantém até hoje;

já a quadra possuía, aproximadamente, metade do tamanho da atual. A bola usada inicialmente era a de futebol.

O basquete feminino iniciou em 1892 quando a professora de educação física do Smith College, Senda Berenson, adaptou as regras criadas por James Naismith. A primeira partida aconteceu em 4 de Abril de 1896.

O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer o basquetebol. O esporte foi trazido por Augusto Shaw, um norte-americano nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, que lecionava no Mackenzie College, em São Paulo. A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Além disso, havia a forte concorrência do futebol, trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande coqueluche da época entre os homens. Aos poucos, Shaw foi convencendo seus alunos de que o basquete não era um jogo exclusivamente de mulheres. Quebrada a resistência, ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College, ainda em 1896. Em 1912, no ginásio da Rua da Quitanda nº 47, no centro do Rio de Janeiro, aconteceu os primeiros torneios de basquete. Já em 25 de dezembro de 1933, nasceu a Federação Brasileira de Basketball, no Rio de Janeiro (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2010; DACOSTA, 2006; LIGA NACIONAL DE BASQUETE, 2010).

3.3.4 História do Campeonato Brasileiro de Basquetebol

O Campeonato Brasileiro de Basquete Masculino é organizado pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB). Entre os anos de 1965 e 1989, o torneio era denominado Taça Brasil de Basquete. A partir de 1990 o torneio passou a ser chamado de Campeonato Brasileiro de Basquete. Em 2006 a competição organizada pela CBB não teve uma final e um torneio paralelo foi organizado pela NLB. A campeã desse torneio, a Winner/Limeira de São Paulo, não pode ser declarada campeã nacional pois o título ainda se mantém vago por decisão judicial. No ano seguinte, a CBB voltou a organizar o torneio, mas em 2008 os clubes de São Paulo romperam com a Confederação e não disputaram o campeonato nacional. No final de 2008, os clubes e a CBB finalmente chegaram a um acordo e decidiu-se

pela criação de uma liga independente organizada pelos clubes, com a chancela da Confederação. Assim, o campeonato em 2009 foi organizado pela Liga Nacional de Basquete (LNB) e foi chamado de Novo Basquete Brasil (NBB).

A versão feminina do campeonato ainda é organizada pela CBB. A primeira edição foi realizada em 1998, e antes existia a Taça Brasil de Basquete Feminino.

Infelizmente, hoje o basquete é pouco prestigiado pela mídia brasileira, e os jogos desses campeonatos são pouco divulgados (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2010; DACOSTA, 2006; LIGA NACIONAL DE BASQUETE, 2010).

3.3.5 História do futebol

O futebol foi oficialmente criado na Inglaterra em 1863, pela Football Association. Com a divulgação da FA, o futebol logo se tornou uma atividade recreativa para as massas urbanas e os melhores jogadores passaram a ser convidados para jogar algumas partidas oficiais. Isso gerou um conflito, já que os jogadores necessitavam de tempo livre para treinar e jogar regularmente. Esse conflito foi resolvido somente em 1885, quando a FA aceitou os profissionais, mas proibiu-os de servirem em qualquer comitê ou comparecerem às reuniões da FA.

No Brasil, o futebol teve início em 1894, ano em que Charles Miller, filho do cônsul britânico em São Paulo, retornou ao país após jogar na primeira divisão do futebol inglês enquanto estudava em Southampton, Inglaterra. Miller promoveu o novo esporte para um grupo de residentes ingleses, membros do São Paulo Athletic Club, que era um clube de cricket. No Rio de Janeiro, o futebol seguiu um caminho semelhante. Um estudante brasileiro, Oscar Cox, voltou da Suíça, e introduziu o futebol entre seus amigos. Os primeiros times de futebol do Rio foram formados em clubes de regatas e cricket, criados no final do século XIX. Os times de futebol eram todos parte dos tradicionais clubes sociais que também promoviam outras atividades esportivas, sociais e recreativas.

Há indícios de que as primeiras mulheres a se envolver com o futebol, foram as chinesas durante a Dinastia Han – durou de 206 a.C. até 220 d.C., numa variação

primitiva do futebol que se chamava “Tsu Chu”, tradução do chinês para “lançar com o pé” (tsu), uma “bola recheada feita de couro” (chu).

A primeira partida feminina oficial, aconteceu entre Escócia e Inglaterra em 1892, e, no Brasil, o primeiro jogo de futebol entre meninas que se tem conhecimento, aconteceu em 1913, em São Paulo entre os times da Cantareira e Tremembé.

A Primeira Guerra mundial também colaborou para a inserção das mulheres no futebol, já que com a ida dos homens para a guerra, a mulher passou a trabalhar mais ativamente fora de suas casas, levando à criação de diversos times femininos das fábricas, entre os mais bem sucedidos, destacou-se o The Dick Kerr Ladies, que esteve ativo de 1917 até 1965. No Brasil, há imagens de 1958 do primeiro time de futebol feminino no país, Araguari, Minas Gerais. Para salvar o caixa do Grupo Escola Visconde de Ouro Preto, a diretora, Dona Isolina, resolveu organizar um jogo para arrecadar dinheiro. Ney Montes, diretor de futebol, sugeriu um jogo de futebol entre meninas (CASTRO, 2010; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2010; DACOSTA, 2006).

3.3.6 História do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil de Futebol Feminino

O Campeonato Brasileiro de Futebol, conhecido popularmente como Brasileirão, é o principal torneio entre clubes de futebol do Brasil. Sucedeu os torneios Roberto Gomes Pedrosa e a Taça Brasil. O Campeonato Brasileiro define os principais representantes brasileiros nas competições sul-americanas. O principal evento esportivo do país teve início em 1971. A idéia partiu da Confederação Brasileira de Desportos, atual Confederação Brasileira de Futebol, logo após a Copa do México. O torneio é organizado, atualmente, pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Uma das características históricas do Campeonato Brasileiro foi a falta de uma padronização no sistema de disputa, que mudava a cada ano, assim como as regras e o número de participantes. Após ter sido aprovado no Congresso Nacional o "Código do Torcedor", em 2003, a CBF fez um planejamento que visava a organizar o confuso calendário do futebol nacional. Reduziu o tempo disponível

para as competições estaduais e adotou o sistema de *turno e retorno* como forma de disputa. Como esse sistema exige muito tempo do calendário, também foi reduzido o número de competidores em 2004, que eram 24, para 22 em 2005 e vinte em 2006, tanto na Série A (primeira divisão) como na Série B (segunda divisão). A partir de 2009 a Série C passou a contar também com 20 clubes, e foi criada uma nova divisão, a Série D, que tem 40 equipes e é disputada por equipes classificadas em seus campeonatos estaduais.

Já Copa do Brasil, campeonato mais importante do futebol feminino, teve um início bem tardio. Em 2007, pressionado pelo presidente da FIFA, Joseph Blatter, que exigiu a criação de uma Liga de Futebol Feminino no Brasil, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, organizou o primeiro torneio oficial para as mulheres, a Copa do Brasil de Futebol Feminino, antes houve a Taça Brasil (de 1983 a 1993) e o Campeonato Nacional (1997 a 2001), que eram campeonatos não-oficiais. A I Copa do Brasil de Futebol feminino, teve início no dia 30 de outubro e terminou no dia 9 de dezembro de 2007, uma semana após o fim do Campeonato Brasileiro de 2007. Isso foi feito para dar mais visibilidade ao campeonato, segundo a CBF. No dia 1º de novembro de 2008 teve início a II Copa do Brasil, com a participação de 32 equipes. Como a divulgação do regulamento e da tabela somente foi feita a 15 dias do início do torneio, diversas equipes não puderam se inscrever, principalmente porque tiveram pouco tempo para conseguir os quase R\$ 10 mil necessários para entrar na disputa. As duas edições da Copa não tiveram apoio nem da mídia nem de patrocinadores. Como o futebol feminino ainda é um esporte amador, a maioria das atletas brasileiras não recebe salários. Alguns clubes fornecem ajudas de custo como transporte, serviços médicos ou bolsa auxílio de cerca de R\$ 500, muito diferente do que acontece com o futebol masculino (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2010; DACOSTA, 2006; MUSEU DOS ESPORTES, 2006).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Tipo da pesquisa

Esse estudo se utilizou de uma pesquisa quantitativa, que “*se caracteriza pelo emprego de quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento dessas informações por meio de técnicas estatísticas*” (TEIXEIRA E PACHECO, 2005, p.60). Nessa perspectiva o método quantitativo se adequa ao estudo, uma vez que permite a contabilização de dados e a comparação entre esses números. Porém, além da contabilização desses dados, foi feita uma análise qualitativa, para que fossem discutidos os motivos que justificassem o acontecimento de tais fenômenos.

4.2 Sujeitos

Para a obtenção dos dados, foram realizadas pesquisas nos sites das confederações, ligas e equipes brasileiras, das seguintes modalidades: voleibol, futebol e basquetebol. Inicialmente, havia também o interesse de abranger dados sobre o handebol, mas os dados não foram fornecidos pelo site e seus administradores. Foram coletados dados das equipes masculinas e femininas participantes das seguintes competições: Super Liga de Vôlei, Campeonato Brasileiro de Futebol (série A), Copa do Brasil de Futebol Feminino e Campeonato Brasileiro de Basquete. A categoria escolhida foi adulto.

Justifica-se a escolha dessas modalidades esportivas e campeonatos devido a grande expressão destes no Brasil. As temporadas (anos) foram coletadas de acordo com a disponibilidade dos dados nos sites, já que não houve sucesso ao tentar entrar em contato com qualquer um dos responsáveis pelos sites ou com algum outro contato possível dentro das confederações e ligas, para que fossem coletados outros dados que estavam faltando nos sites (ex.: dados das equipes da temporada de 2004/2005 da Superliga de voleibol, dados sobre as comissões técnicas das equipes de handebol).

4.3 Análise dos dados

Foi feita uma análise das incidências de homens e mulheres técnicos de equipes masculinas e femininas, e uma análise do número de concluintes dos cursos de educação física no Brasil, de acordo com o sexo, a fim de identificar se há relação entre o baixo número de mulheres técnicas e o número de mulheres concluintes. Baseando-se na literatura, foi realizada uma discussão para investigar quais as possíveis causas desse baixo número, já que foi encontrado um número equilibrado de homens e mulheres formados em educação física.

5. RESULTADOS

Primeiramente, serão apresentados os dados sobre o número de concluintes nos cursos de educação física no Brasil, de acordo com o sexo, desde 1995 até 2008.

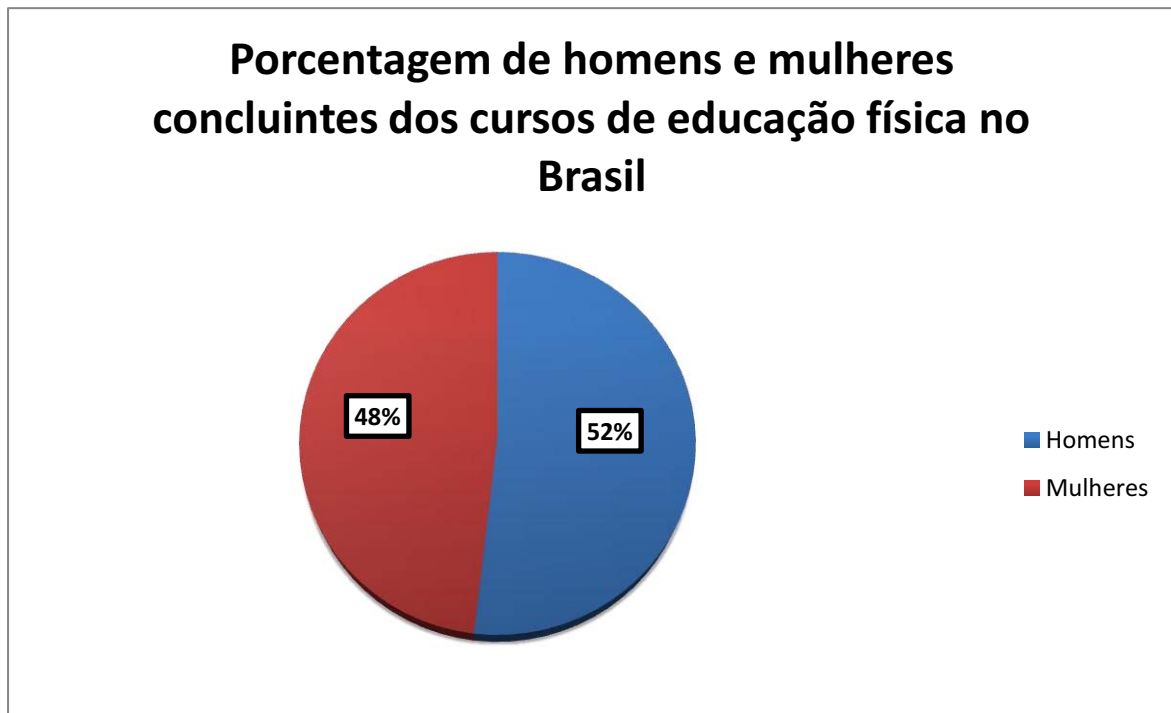
Tabela 2: Concluintes do curso de graduação em educação física por regiões segundo sexo (1995 - 2008).

		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	BRASIL
1995	Masculino	81	190	1443	432	122	2268
	Feminino	112	178	1907	717	193	3107
1996	Masculino	77	200	1352	439	178	2246
	Feminino	127	232	2086	749	222	3416
1997	Masculino	143	210	1522	548	207	2630
	Feminino	160	261	2059	800	296	3576
1998	Masculino	127	245	1543	569	271	2755
	Feminino	171	282	2145	862	265	3725
1999	Masculino	88	339	1952	629	238	3246
	Feminino	123	368	2254	913	309	3967
2000	Masculino	22	23	835	149	46	1075
	Feminino	13	17	1010	149	47	1246
2001	Masculino	25	13	939	138	48	1163
	Feminino	14	20	989	174	35	1232
2002	Masculino	126	608	3425	1198	485	5842
	Feminino	135	504	3023	1351	424	5437
2003	Masculino	165	790	4382	1625	495	7457
	Feminino	168	900	3805	1689	475	7037
2004	Masculino	214	807	5447	2016	711	9195
	Feminino	258	858	4364	1973	642	8095
2005	Masculino	201	968	7281	2286	758	11494
	Feminino	187	834	5734	2247	732	9734
2006	Masculino	319	1146	9129	2654	876	14123
	Feminino	251	1038	7097	2477	883	11746
2007	Masculino	253	1665	10562	3021	1169	16770
	Feminino	321	1462	8246	3044	1036	14109
2008	Masculino	551	1754	12511	3440	1349	19605
	Feminino	488	1334	9858	3537	1194	16411

Observando a tabela, nota-se que o número total de concluintes dos cursos de educação física no Brasil é de 192.707, sendo que 99.869 são homens e 92.838 são mulheres (INEP, 2008; ESTAÇÃO DE TRABALHO IMS/UERJ, 2010). Há uma

similaridade entre esses números, ou seja, não há uma grande diferença entre o número de homens e mulheres concluintes, como podemos ver, em forma de porcentagem, no gráfico a seguir.

Gráfico 2: Taxas de porcentagem do número de homens e mulheres concluintes dos cursos de educação física no Brasil (1995-2008).



Agora, serão mostrados os dados sobre o número de técnicos e técnicas nas equipes de voleibol, basquetebol e futebol nacionais.

Tabela 3: Número de técnicos e técnicas de equipes masculinas de voleibol nas Superligas de 2006 a 2010 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2010).

VÔLEI MASCULINO – Superliga			
	Número de equipes participantes	Técnicos	Técnicas
2006/2007	15	15	-
2007/2008	15	15	-
2008/2009	12	12	-
2009/2010	17	17	-

Tabela 4: Número de técnicos e técnicas de equipes femininas de voleibol nas Superligas de 2006 a 2010 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2010).

VÔLEI FEMININO – Superliga			
	Número de equipes participantes	Técnicos	Técnicas
2006/2007	8	8	-
2007/2008	10	10	-
2008/2009	12	12	-
2009/2010	13	13	-

Nota-se que o voleibol, um dos esportes que apresenta maior ascensão entre os brasileiros atualmente, não possui líderes femininas, tanto em equipes masculinas quanto femininas.

Tabela 5: Número de técnicos e técnicas das equipes masculinas de basquetebol nos Campeonatos Nacionais e NBB de 2000 a 2010 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2010).

BASQUETEBOL MASCULINO – Campeonato Nacional de Basquete/NBB			
	Número de equipes participantes	Número de técnicos	Número de técnicas
2000	14	14	-
2001	16	16	-
2002	17	17	-
2003	17	17	-
2004	16	16	-
2005	16	16	-
2006	24	24	-
2007	Não há informações sobre os participantes		
2008	12	12	-
2009	15	15	-
2010	14	14	-

Tabela 6: Número de técnicos e técnicas das equipes femininas de basquetebol nos Campeonatos Nacionais de 1998 a 2009 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2010).

BASQUETEBOL FEMININO – Campeonato Nacional de Basquete			
	Número de equipes participantes	Número de técnicos	Número de técnicas
1998	8	6	2
1999	8	6	2
2000	8	7	1
2001	8	6	2
2002	10	9	1

BASQUETEBOL FEMININO – Campeonato Nacional de Basquete

	Número de equipes participantes	Número de técnicos	Número de técnicas
2003	7	6	1
2004	8	6	2
2005	9	7	2
2006	6	5	1
2007	9	7	2
2008	9	6	3
2009	6	5	1

Diferentemente do voleibol, no basquete há mulheres atuando como técnicas, mas somente em equipes femininas, e em número bastante reduzido, se comparado ao número de homens, como é possível observar no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Média e porcentagens dos números de homens e mulheres técnicos de equipes femininas nos Campeonatos Nacionais de basquetebol (1998-2009), sendo que a média de equipes participantes foi igual a 8.

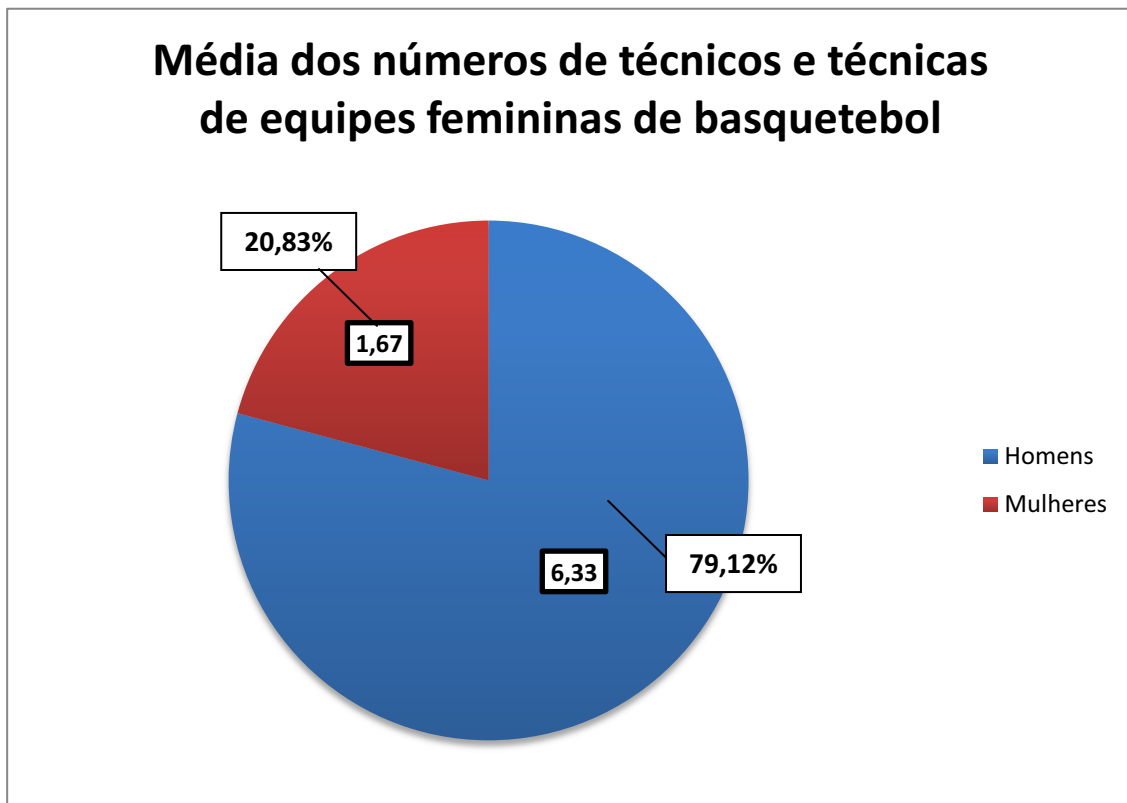


Tabela 7: Número de técnicos e técnicas de equipes de futebol masculino nos Campeonatos Brasileiros da série A de 1971 a 2010 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2010).

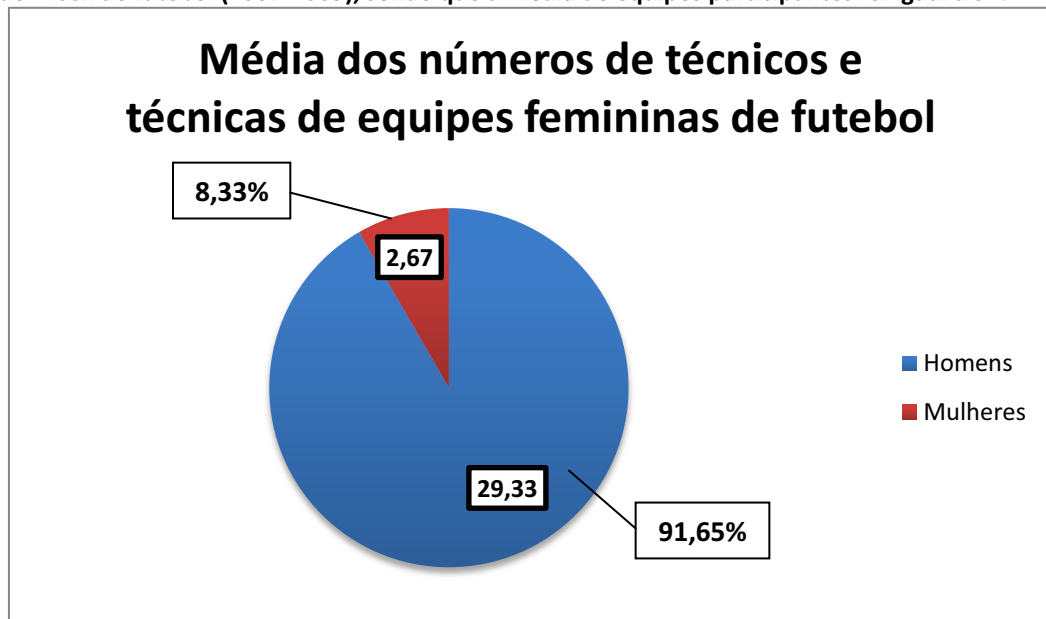
FUTEBOL MASCULINO – CAMPEONATO BRASILEIRO (SÉRIE A)			
	Número de equipes participantes	Número de técnicos	Número de técnicas
1971	20	20	-
1972	26	26	-
1973	40	40	-
1974	40	40	-
1975	42	42	-
1976	54	54	-
1977	62	62	-
1978	74	74	-
1979	94	94	-
1980	44	44	-
1981	44	44	-
1982	44	44	-
1983	44	44	-
1984	41	41	-
1985	44	44	-
1986	80	80	-
1987	32	32	-
1988	24	24	-
1989	22	22	-
1990	20	20	-
1991	20	20	-
1992	20	20	-
1993	32	32	-
1994	24	24	-
1995	24	24	-
1996	24	24	-
1997	26	26	-
1998	24	24	-
1999	22	22	-
2000	116	116	-
2001	28	28	-
2002	26	26	-
2003	24	24	-
2004	24	24	-
2005	22	22	-
2006	20	20	-
2007	20	20	-
2008	20	20	-
2009	20	20	-
2010	20	20	-

Tabela 8: Número de técnicos e técnicas de equipes de futebol feminino nas Copas do Brasil de 2007 a 2009 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2010).

FUTEBOL FEMININO – COPA DO BRASIL			
	Número de equipes participantes	Número de técnicos	Número de técnicas
2007	32	29	3
2008	32	30	2
2009	32	29	3

Mesmo sendo um esporte tão tradicional no Brasil, nota-se que há poucas mulheres no comando de equipes de futebol, sendo que nunca na história do Campeonato Brasileiro da série A houve uma mulher trabalhando como técnica. Além disso, o número de mulheres, comparado ao de homens, trabalhando como técnica de futebol feminino é extremamente pequeno.

Gráfico 4: Média e porcentagem dos números de homens e mulheres técnicos de equipes femininas nas Copas do Brasil de futebol (2007-2009), sendo que a média de equipes participantes foi igual a 32.



Como foi possível observar, o número de mulheres técnicas de equipes de elite das modalidades coletivas voleibol, basquetebol e futebol é bastante inferior ao número de mulheres concluintes dos cursos de educação física nacionais.

Considerando os dois dados principais obtidos, conclui-se que a proporção de homens e mulheres concluintes dos cursos de educação física não é um fator

determinante para o número de homens e mulheres técnicos, já que o número de mulheres técnicas é bastante inferior em relação ao de homens técnicos, diferentemente do que acontece com o número de mulheres concluintes, que é similar ao número de homens concluintes. Dessa maneira, ainda há a necessidade de investigar quais os possíveis fatores determinantes para esse fenômeno.

6. DISCUSSÃO

A partir desse estudo, foi possível identificar que o número de mulheres formadas em educação física no Brasil não é proporcional ao número de mulheres técnicas de equipes, independente da modalidade e se a equipe é masculina ou feminina. Então, por que há poucas mulheres atuando como líderes de equipes esportivas?

De acordo com a literatura, três grandes motivos que ainda impedem que haja ao menos uma similaridade entre o número de mulheres e homens trabalhando como técnicos de equipes esportivas são: a inserção tardia das mulheres nos esportes, o preconceito em relação às mulheres em cargos de poder e liderança, e as obrigações com os trabalhos domésticos e com os filhos.

6.1 A inserção tardia das mulheres nos esportes

Como já foi visto na introdução desse estudo, a história da participação das mulheres no meio esportivo se deu de forma tardia e sempre com muita luta para a conquista de espaço, seja como atleta ou como administradora e líder, da mesma forma como aconteceu com a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Nos esportes, a principal justificativa apresentada para que a mulher fosse barrada nas práticas atléticas era a preocupação com sua beleza, fragilidade física e “masculinização” de seu corpo e gestos. Outra justificativa encontrada nos discursos do Barão de Coubertin, idealizador do movimento olímpico moderno, era a da preocupação com a participação de mulheres em competições, pois poderiam prejudicar suas “funções maternas”.

Não bastando a entrada tardia no mundo dos esportes, no Brasil ainda houve uma lei que provocou um regresso momentâneo nas conquistas femininas. O Decreto-Lei 3.199/41, de 14 de Abril de 1941, em seu artigo 54 dizia o seguinte: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para esse efeito o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país...”. Esse decreto-

lei ainda proibia a participação feminina nas lutas, futebol de campo, salão e praia, pólo-aquático, rúgbi, halterofilismo e baseball, pois segundo os idealizadores dessa lei, essas modalidades possuíam um caráter exclusivamente masculino, sendo indesejável que fossem praticadas por mulheres (OLIVEIRA et al., 2006). Somente em 1979, o CND devolveu às mulheres o direito de praticar tais modalidades que foram proibidas, porém com algumas modificações em suas regras. No futebol feminino, por exemplo, as partidas deveriam ter apenas 70 minutos, com 15 a 20 minutos de intervalo, e as jogadoras não poderiam trocar a camisa após os jogos (CASTRO, 2010; GOELLNER, 2005).

Outros empecilhos determinaram a tardia participação das mulheres nos esportes, como o descaso por parte das confederações em relação à organização do esporte feminino e de campeonatos oficiais para as mulheres.

6.2 O preconceito

O preconceito é outro fator determinante para o atual quadro de poucas mulheres trabalhando como técnicas desportivas. Se o preconceito em relação à mulher-atleta já é forte, o preconceito em relação à mulher-técnica é maior. É importante lembrar que em algumas modalidades o preconceito parece ser maior.

Há quem diga que o ambiente esportivo é bastante machista, devido a história da origem dos esportes, em que não era permitida qualquer tipo de participação feminina, nem sequer na platéia, e devido também à situação que encontram-se as poucas mulheres que trabalham nesse meio: com pouco ou nenhum apoio de boa parte da sociedade, especialmente da mídia, e desconfiança constante em relação à capacidade da mulher comandar uma equipe, ou ter um desempenho na prática esportiva tão bom quanto ao dos homens. Pfister (2003) afirma em seu estudo que essa desconfiança gira em torno dos clichês sobre a mulher, sua fragilidade e sua falta de eficiência e carisma.

Como já foi visto anteriormente nesse trabalho, Romariz (2008) conseguiu constatar, através de entrevistas com mulheres técnicas de voleibol, que o preconceito ainda é muito forte e comum nesse meio. De acordo com o estudo de Wirth (apud Pfister e Radtke 2007) “o papel do gênero na ocupação de um cargo

pode ser descrito com o uso da metáfora sobre o teto de vidro, que é invisível, mas efetivamente impede as mulheres de chegar ao topo” (p.99). Esse “teto de vidro” parece impedir que mulheres sejam técnicas não somente de equipes amadoras, infantis e de base, mas de equipes profissionais de elite.

Duas falas vindas de mulheres importantes para o esporte nacional traduzem bem o que é o preconceito contra a mulher nesse meio. A primeira foi dada por Roseane Carneiro, técnica olímpica de natação, em entrevista ao jornal Gazeta do Povo (2008), e a segunda foi dada por Roseli Cordeiro Filardo, em entrevista ao site Futebol Para Meninas (2010):

“Infelizmente, ainda há machismo. Por mais que você faça um bom trabalho, tenha atletas de destaque, ainda vão te olhar diferente porque você é mulher (...). O Brasil ainda precisa quebrar esse tabu. Há muitas técnicas nas categorias de base da natação, mas não das equipes principais.”

“Esse negócio de igualdade é só no papel, pois na prática é outra, mesmo com o avanço da mulher na sociedade brasileira.”

6.3 Responsabilidades com o lar e filhos

Para começar esse tópico, gostaria de mostrar um trecho de uma entrevista feita com jogadoras turcas de futebol feminino, para a seção de esportes do jornal The New York Times (2009):

“Já houve homens que vieram assistir aos nossos treinos e gritavam perguntando às jogadoras o que elas estavam fazendo lá, e que deveriam estar em casa cozinhando”.

Essa imagem da mulher como a única e essencial responsável pela casa, marido e filhos é outro fator que impede que haja mais mulheres técnicas nos esportes. Esse papel construído pela sociedade, que separa as obrigações do lar

somente para as mulheres, ainda está enraizado fortemente nos valores de homens e mulheres brasileiros. A cobrança não parte somente de quem está de fora, mas também da própria mulher, afinal “Quem cuidará dos meus filhos?”

De acordo com Kosaka (2000), as mulheres que atuam no meio esportivo sofrem de um complexo de culpa em relação à cobrança por serem também mães e esposas, preocupadas de certa forma por não se dedicar de maneira exclusiva às tarefas domésticas. Essa cobrança a si mesma pode ser considerada normal e até compreensível, já que até o século XIX, mulheres eram criadas somente para serem mães e esposas, e eram proibidas de frequentar alguns ambientes sociais (GOELLNER, 2005).

O que acaba acontecendo na realidade é a escolha entre o esporte ou a vida familiar, com a alegação de que o esporte demanda muito tempo disponível, devido às viagens, treinos aos finais de semana, entre outros, o que não deixaria um tempo suficiente para cuidar de boa maneira do lar (GOMES, 2009; PFISTER, 2003).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo quantificar o número de homens e mulheres técnicos de equipes de voleibol, basquetebol e futebol, masculinos e femininos, a fim de identificar o que já vemos no dia-a-dia de modo geral: há poucas mulheres trabalhando como técnicas no Brasil. A partir daí, a pesquisa buscou arrolar as causas desse fenômeno. Além disso, objetivou entender o porquê dessa situação, já que a formação acadêmica não foi um fator determinante para a diferença entre esses números de homens e mulheres concluintes nos cursos de educação física brasileiros.

Poucos estudos foram feitos nessa área, mas todos apontam principalmente para o papel da mulher construído pela sociedade ao longo da história da humanidade como principal causa do pequeno número de mulheres trabalhando como técnicas esportivas. Sua responsabilidade nos cuidados com o lar e com os filhos parecem ser um grande empecilho para a oportunidade de comandar uma equipe, já que este cargo exige dedicação extrema e exclusiva à carreira, por exemplo, devido às viagens constantes (EGUAOJE, 2009). De acordo com Oliveira (2002), relatos de doze mulheres técnicas de equipes esportivas mostraram que quase todas tiveram que optar entre dedicar-se somente à carreira ou somente à família. Além desse motivo, outras causas já são conhecidas.

O preconceito contra a mulher no cargo de líder esportiva também exerce grande influência. Entrevistados para o estudo sobre as representações de gênero no vôlei apontaram o preconceito como uma das causas para a não-contratação de mulheres para liderar equipes. Esse preconceito é carregado por idéias construídas pela sociedade, que enxerga a mulher como uma figura submissa, e não como uma figura capaz de impor opiniões e liderar equipes. O preconceito é ainda mais forte quando mulheres são cotadas para comandar equipes masculinas. A grande desconfiança gira em torno da capacidade das mulheres de serem técnicas, apesar do nível educacional ser semelhante ao dos homens (ROMARIZ, 2008).

A inserção tardia da mulher no esporte também mostrou ser outro possível fator para que haja poucas mulheres líderes no meio esportivo.

Segundo Acosta & Carpenter (2000), a falta de líderes femininas “modelos” para as meninas que ainda estão em formação e escolhendo qual profissão seguir, gera uma falta futura de novas líderes, podendo também ser mais um motivo para

essa escassez de mulheres técnicas desportivas. Ou seja, se quando em formação a mulher não encontra um modelo a seguir (uma técnica de sucesso, por exemplo), ela provavelmente não seguirá por este caminho. De acordo com Nogueira (2006), essa luta para estabelecer mulheres em posições de liderança, seja nos esportes ou em qualquer outro setor da sociedade, ainda está longe de acabar.

Penso primeiramente que as confederações esportivas deveriam incentivar mais ativamente o esporte feminino. Um bom exemplo é o “Troféu Mulher e Esporte”, prêmio dado todos os anos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). São entregues seis troféus por ano, um por continente e um a nível mundial, às mulheres que deixaram suas marcas, de certa forma, no meio esportivo (DEVIDE, 2005). Uma idéia mais simples ainda é a de organizar melhor os campeonatos femininos, não importando a modalidade, rumo à profissionalização do esporte feminino. Além disso, o apoio da mídia é essencial, pois é um meio poderoso de divulgar o esporte para as massas.

É necessário também que haja mais estudos sobre esse assunto, já que a literatura disponível sobre mulheres técnicas de equipes desportivas é escassa. Penso que seria interessante um estudo que abrangesse também as categorias de base e iniciação, para verificar se essa situação entre as equipes profissionais também acontece nas equipes amadoras.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, R. V., & CARPENTER, L. J. **Women in intercollegiate Sport: A longitudinal study – twenty-three year update, 1977-2000**. Brooklyn, 2000. New York College, Department of Physical Education.

CASTRO, L. **Os primeiros toques femininos**. São Paulo: Lancenet, 02 mar. 2010. Informações sobre futebol para mulheres. Disponível em: <<http://www.futebolparameninas.com.br>> Acesso em: 25 jul. 2010.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Brasil terá participação feminina recorde nos Jogos Olímpicos de Atenas**. Rio de Janeiro: Canvas webhouse, 2010. Apresenta informações sobre o esporte olímpico brasileiro. Disponível em: <<http://www.cob.org.br>> Acesso em: 12 ago. 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. **Campeonatos nacionais de basquetebol masculino e feminino**. Rio de Janeiro, 2010. Apresenta informações sobre equipes e campeonatos brasileiros e internacionais de basquetebol. Disponível em: <<http://www.cbb.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Copa do Brasil de futebol feminino e Campeonato Brasileiro de futebol masculino**. Rio de Janeiro, 2010. Apresenta informações sobre equipes e campeonatos brasileiros e internacionais de futebol. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI. **Superligas de voleibol masculino e feminino**. Rio de Janeiro, 2010. Apresenta informações sobre equipes e campeonatos brasileiros e internacionais de voleibol. Disponível em: <<http://www.superliga.com.br>>. Acesso em: 4 jul. 2010.

DACOSTA, LAMARTINE (ORG.). **Atlas do esporte no Brasil**. RIO DE JANEIRO: CONFEF, 2006. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br>>. Acesso em: 3 ago. 2010.

DERÓS, Carolina de Campos; GOELLNER, Silvana Vilodre. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas.** Revista Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 235-242, abril/junho de 2009.

DEVIDE, F. P.. **Coubertin e Samaranch: da exclusão à inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos.** Corpus et Scientia, v. 1, p. 1-15, 2005.

DIFILIPPO, M. **Female coaches are hard to find.** Kennebec Journal & Morning Sentinel, Augusta, 12 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.kjonline.com/>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

EGUAOJE, T. **Why are there fewer female coaches?** Soccer Journal, Nova Southeastern University, May – June, 2009.

ESTAÇÃO DE TRABALHO IMS/UERJ. **Anuário das Graduações em Saúde 1995-2008.** Rio de Janeiro, 2010. Apresenta dados estatísticos sobre os cursos de educação física brasileiros. Disponível em: <<http://www.obsnetims.org.br>>. Acesso em: 8 jul. 2010.

GAZETA DO POVO. **Mulheres são minoria no comando do Brasil olímpico.** Curitiba: Folhapress, 03 ago. 2008. Reportagem sobre mulheres nas comissões técnicas brasileiras. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>> Acesso em: 2 set. 2010.

GOELLNER, Silvana V.. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história.** Pensar a Prática (UFG), Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

INEP. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação.** Brasília, 2008. Apresenta dados estatísticos sobre os cursos brasileiros de graduação. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 8 jul. 2010.

KOSAKA, L. **Os desafios da mulher no ambiente esportivo**. São Paulo: Womaen Internett Editora Ltda., 2010. Apresenta informações sobre mulheres. Disponível em: <<http://www.wmulher.com.br>> Acesso em: 12 ago. 2010.

LIGA NACIONAL DE BASQUETE. **Novo Basquete Brasil**. São Paulo, 2010. Apresenta informações sobre as equipes de basquetebol brasileiro. Disponível em: <<http://www.liganacionaldebasquete.com.br>> Acesso em: 8 jul. 2010.

MORAES, L.C. **História da educação física**. Belo Horizonte: Casa de bytes, 1999. Apresenta informações sobre educação física. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br>> Acesso em: 2 set. 2010.

MOURÃO, L.; GOMES, E. M. P. A mulher na administração do esporte no Brasil segundo a norma olímpica. In: FÓRUM DE DEBATES SOBRE MULHER & ESPORTE >MITOS & VERDADES<, n. III, 2004, São Paulo. **Anais do III Fórum de debates sobre mulher & esporte >mitos & verdades<**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. p.47-53.

MUSEU DOS ESPORTES. **Histórias dos esportes**. Maceió, 2006. Apresenta informações históricas sobre vários esportes. Disponível em: <<http://www.museudosportes.com.br>> Acesso em: 15 ago. 2010.

NOGUEIRA, M. C. O. C. **Os discursos das mulheres em posições de poder**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 2006, vol. 9, n. 2, pp. 57-72.

OLIVEIRA G, CHEREM EHL, TUBINO MJG. **A inserção histórica da mulher no esporte**. *R. bras. Ci e Mov.* 2008; 16(2): 117-125.

PFISTER, G. **Líderes femininas em organizações esportivas – Tendências mundiais**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 09, n. 2, p. 11-35, maio/agosto de 2003.

ROMARIZ, S. B. **As representações de gênero nas quadras de voleibol de alto rendimento**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 8 –

CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SCHLEIFER, Y. **In Turkey, Women Playing Soccer Vie for Acceptance**. Nova Iorque: The New York Times, 03 mar. 2009. Reportagem sobre o futebol feminino turco. Disponível em: <<http://www.nytimes.com>> Acesso em: 3 set. 2010.

TEIXEIRA, Rubens de França; PACHECO, Maria Eliza Correa. Jan/mar 2005. **Pesquisa social e a valorização da abordagem qualitativa no curso de administração: a quebra de paradigmas científicos**. Cadernos de Pesquisa em Administração. São Paulo: FEA/USP, v.12, n.1.